

DIRECCIÓN DE
INVESTIGACION

DIREÇÃO DE
PESQUISA

RESEARCH DIRECTORATE

“DE ONDE VÊM OS BEBÊS? ” A ESCRITA PSICANALÍTICA COMO INVESTIGAÇÃO

“¿DE DÓNDE VIENEN LOS BEBÉS?” LA ESCRITURA PSICOANALÍTICA COMO IN- VESTIGACIÓN

“WHERE DO BABIES COME FROM?”: PSYCHOANALYTIC WRITING AS RESEARCH

Ana Cláudia Santos Meira
Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre
ORCID: 0000-0002-9323-6412
anameira@gmail.com

Data de Recebimento: 15-09-2024
Data de Aceitação: 08-11-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Santos Meira A.C. (2024) SOBRE LA INTERRELACIÓN
ENTRE DESBORDE SOCIAL Y ESPACIO TERAPÉUTICO

Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.10

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

“DE ONDE VÊM OS BEBÊS? ”: A ESCRITA PSICANALÍTICA COMO INVESTIGAÇÃO

Ana Cláudia Santos
Meira¹

1 Psicóloga, Psicanalista pelo CEPdePA, Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS e Doutora em Psicologia pela PUCRS. Autora dos livros “Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha” e “A escrita científica no divã: entre as dificuldades e as possibilidades para com o escrever”, ambos pela Editora Blucher.

Resumo: O texto aborda a busca inicial das crianças em entender “de onde vêm os bebês”, associando essa curiosidade à psicanálise. Freud sugere que essa investigação infantil é motivada por preocupações práticas, como o medo de perder afeto com a chegada de um novo bebê. Psicanalistas, por sua vez, buscam desvelar os mistérios do inconsciente, explorando as áreas mais ocultas da mente humana e ouvindo o não dito. A prática da psicanálise envolve fazer perguntas e enfrentar o desconhecido, o que também se reflete na escrita psicanalítica. Escrever sobre psicanálise exige deixar de lado certezas e encarar dúvidas e desconhecimentos, permitindo descobertas e criações originais. O texto enfatiza que a escrita é um processo criativo que transforma ideias e emoções em novos formatos, e promovendo novas aberturas. Além disso, o texto destaca que perguntas sem respostas definitivas geram processos psíquicos e promovem o desenvolvimento do pensamento. A curiosidade e o desejo de saber impulsionam tanto a análise quanto a escrita, tornando ambos exercícios de investigação contínua.

Palavras-chave: escrita psicanalítica, investigação, curiosidade infantil, psicanálise

Resumen: El texto aborda la búsqueda inicial de los niños por comprender “de dónde vienen los bebés”, asociando esta curiosidad con el psicoanálisis. Freud sugiere que esta investigación infantil está motivada por preocupaciones prácticas, como el miedo a perder el afecto con la llegada de un nuevo bebé. Los psicoanalistas, a su vez, buscan develar los misterios del inconsciente, explorando las áreas más ocultas de la mente humana y escuchando lo tácito. La práctica del psicoanálisis implica hacer preguntas y enfrentar lo desconocido, lo que también se refleja en los escritos psicoanalíticos. Escribir sobre psicoanálisis requiere dejar de lado certezas y afrontar dudas e incógnitas, permitiendo descubrimientos y creaciones originales. El texto enfatiza que la escritura es un proceso creativo que transforma ideas y emociones en nuevos formatos, y promueve nuevas aberturas. Además, el texto destaca que las preguntas sin respuestas definitivas generan procesos psíquicos y promueven el desarrollo del pensamiento. La curiosidad y el deseo de saber impulsan tanto el análisis como la escritura, convirtiendo ambos ejercicios en una investigación continua.

Palabras clave: escritura psicoanalítica, investigación, curiosidad infantil, psicoanálisis.

Abstract: The text addresses children's initial search to understand "where do babies come from," associating this curiosity with psychoanalysis. Freud suggests that this childhood investigation is motivated by practical concerns, such as the fear of losing affection with the arrival of a new baby. Psychoanalysts, in turn, seek to unveil the mysteries of the unconscious, exploring the most hidden areas of the human mind and listening to the unsaid. The practice of psychoanalysis involves asking questions and facing the unknown, which is also reflected in psychoanalytic writing. Writing about psychoanalysis requires setting aside certainties and facing doubts and ignorance, allowing for original discoveries and creations. The text emphasizes that writing is a creative process that transforms ideas and emotions into new formats, and promotes new openings. In addition, the text highlights that questions without definitive answers generate psychic processes and promote the development of thought. Curiosity and the desire to know drive both analysis and writing, making both exercises of continuous investigation.

Keywords: psychoanalytic writing, research, children's curiosity, psychoanalysis

E bem podemos dar um suspiro, ao perceber que a alguns indivíduos é dado retirar sem maior esforço, do torvelinho dos próprios sentimentos, os conhecimentos mais profundos, aos quais temos de chegar em meio a torturante incerteza e incansável tatear.

(Freud, 1930/2010, p. 105).

"De onde vêm os bebês?": este é o enigma que – entende Freud (1905/2016; 1907/2015; 1908/2015) – é proposto, no mito, pela Esfinge de Tebas a Édipo. É o primeiro enigma de que se ocupará também a criança em seu crescimento. Para o autor, não são os interesses teóricos, mas os práticos, que põem em marcha sua atividade investigatória: a ameaça pela chegada de um novo bebê na família, assim como o medo de que esse acontecimento acarrete a perda de cuidados e de amor, tornam a criança pensativa e perspicaz. Um dos problemas com os quais ela se ocupa, em consonância com a história do despertar da pulsão de saber, é este enigma.

E não será isso que seguimos nos perguntando vida afora? Ou, dito melhor, não serão derivações desta mesma indagação inicial, desta mesma interrogação que se nos impõe, que seguimos, depois, querendo saber, buscando desvelar, desejando descobrir?

Psicanalistas de ofício, estamos ocupados em desvendar a alma do outro, em propor um exercício de olhar mais a fundo, de ouvir o não dito, de explorar as desconhecidas terras do inconsciente, em busca das zonas mais encobertas, de desbravar os recônditos territórios submersos pelo recalçamento e lançar luz àquilo que não facilmente se dá a ver.

Temos nisso apoiada nossa prática e alicerçada nossa escuta: interrogarmos aquele que deita no divã de nossa escuta e interrogarmos a nós mesmos sobre tudo o que se põe em marcha neste outro, no que se põe em cena no encontro analítico e no que nos põe em movimento dentro de nós.

Na atividade de escrever a psicanálise, seremos motivados pelos mesmos objetivos e pelo mesmo impulso de saber. No empreendimento da leitura e escrita, da análise e síntese, da ilustração e costuras, de cada elemento que comporá nosso texto, será este impulso de busca, de curiosidade, de inquietação sobre as coisas, que poremos em marcha uma escrita diferente, uma escrita mais autoral. E como, na psicanálise, logramos isso?

Para ganhar esta qualidade na escrita, percorreremos um longo caminho entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu, mesmo trajeto que faz o bebê, que sai do narcisismo primário – onde ela não precisa falar, nem pedir, nem perguntar, nem se perguntar – em direção à condição de criança, com capacidade de fala e relações com os objetos, já reconhecidos como separados dela. Ali ela terá, ante à diferenciação e à falta, muitas perguntas a serem feitas a um outro.

No reino do Eu Ideal, tal como Narciso, a vivência é de um estado de perfeição e completude; por isso, não há o que buscar, explorar, conquistar ou elucidar. Esse reino oferece o tão esperado retorno ao que um dia – pelo menos, em fantasia – se teve: um tempo sem espera nem necessidade, uma situação de absoluta presença e plena satisfação, onde não há problemas, nem questões, nem impasses, nem conflito.

Para passar a existir enquanto ativa e autora da própria história, a criança necessita deixar este lugar passivo, fechado e seguro. Então, no reino do Ideal do Eu, as certezas de Narciso cederão lugar a um enigma. Édipo não sabe tudo, não conhece tudo, não domina tudo. Há algo a ser descoberto e há mobilidade. Neste campo aberto, o enigma provoca movimento e força a abrir possibilidades, como no aparato psíquico: é quando existe a falta, que o psiquismo se põe a trabalhar, para tentar dar conta daquilo que excedeu o ponto da acomodação.

É neste movimento que a criança já não tão pequena pode sair do narcisismo primário, onde acreditava tudo saber e tudo poder, que ela dá início ao que será – na melhor das hipóteses – um perguntar e um buscar para sempre: “de onde vêm os bebês?”. Pergunta-protótipo, inaugural e matriz para tudo o que vem a seguir, quando sai na busca de respostas e segue encontrando mais questões. Perguntas sem resposta demandam processo psíquico, geram processos de pensamento, promovem o falar da criança pequena e a possibilidade de escrevermos quando, já crescidos, nós formamos psicanalistas. É nesta mesma passagem que, analistas, escreveremos movidos pelas aberturas proporcionadas pela queda do estado de onipotência.

Da criança ao psicanalista, investigar o que não se sabe

Movia-me, isto sim, uma ânsia de saber
que se dirigia mais às questões humanas
do que aos objetos naturais.
(Freud, 1925/2011, p. 67).

Para Freud (1905/2016), ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a seu primeiro florescimento, entre os três e os cinco anos, também se inicia a atividade movida pelo que ele denomina a *pulsão de saber* ou *de investigar*. A atividade desta pulsão corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de apoderamento e, de outro, trabalha com a energia do prazer de olhar. Na criança, a pulsão de saber é atraída, segundo ele, “inopinadamente cedo e com imprevista intensidade, pelos problemas sexuais, e talvez seja inclusive despertado por eles” (p. 103). No conhecido caso do Pequeno Hans, Freud (1909/2015) descreve: O nascimento da irmã o incitou a um labor de pensamento que, por um lado, não podia ter conclusão e, por outro, o envolvia em conflitos emocionais. Apareceu-lhe o grande enigma da origem das crianças, talvez, o primeiro problema a desafiar os poderes intelectuais da criança, e do qual o enigma da Esfinge de Tebas provavelmente é uma versão deformada. Ele rejeitou o esclarecimento oferecido, de que a cegonha havia trazido Hanna. Pois havia notado que, meses antes do nascimento da pequenina, o corpo de sua mãe havia aumentado, que ela havia se deitado na cama, gemido durante o parto e, depois, havia se levantado mais magra. Concluiu, então, que Hanna permanecera no corpo da mãe e dele sairá como um *Lumpf* (p. 268).

Em 1925, Freud (2011) segue falando sobre este movimento de busca: “transcorre um bom tempo até a criança notar claramente a diferença entre os sexos; nesse período da pesquisa sexual, ela engendra típicas teorias sexuais, que, por depender da incompletude de sua organização somática, misturam coisas certas e erradas e não podem solucionar o problema da vida sexual (o enigma da Esfinge: de onde vêm os bebês?)” (p. 98).

No texto *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*, Freud (1908/2015) elenca as pesquisas, hipóteses e teorias que a criança fará, na tentativa de compreender as inúmeras incógnitas que se lhe impõem: o nascimento de um irmão ou uma irmã, a gravidez da mãe, a relação sexual entre os pais, a diferença anatômica entre os sexos, as dessemelhanças entre as pessoas. A partir de cada hipótese por ela levantada, caberá ao ambiente estimular e responder; o impulso nascente de saber será encorajado e o movimento de conhecer será incentivado. Nos piores casos, o ambiente irá reprimir e inibir.

Dando um salto no tempo, desde o desenvolvimento da criança até nosso lugar de analistas, na escrita, também o estado de não saber será ponto de partida para investigar e descobrir. Desde o início do processo até o resultado da escrita, uma série de dúvidas e desconhecimentos acompanham aquilo que só saberemos depois. A ausência de definições prévias e conhecimento anterior pode angustiar por nos colocar desamparados e vulneráveis a tudo o que virá, tal como a criança.

Felizmente, tal como anuncia Freud (1905/2016), como ela, queremos saber. Cada sessão com um analisando é uma experiência que põe à prova a teorização existente e nossas próprias convicções. Cada encontro analítico nos reserva uma surpresa, convertendo a clínica em um permanente exercício de flexibilidade e de revisão.

O tema que será foco de nossa investigação em cada texto será lá onde a compreensão se fechou, e não sabemos mais na prática para onde ir. É onde algo resiste que pode se abrir uma brecha para que algo de novo emergja. O que nos mobiliza em um caso ou na situação que vamos examinar, os conceitos que resistem ao nosso saber, o que *não* sabemos ainda da teoria e da técnica. O que nos coloca em xeque, é desde onde iremos traçar caminhos a explorar.

O ponto de partida da escrita será, pois, o tema que nos provoca, nos inquieta, nos desacomoda, nos perturba, nos deixa curiosos, nos confronta, o que nos faz duvidar, nos faz pensar... Esse será o tema que nos põe a trabalhar, que movimenta a busca de sustentação teórica, a escolha de um material clínico ilustrativo, o exame mais profundo e o desenvolvimento do texto.

Nessa postura, Freud foi exemplar. Em sua *Autobiografia*, Freud (1925/2011) descreve todo seu movimento investigativo, que foi tomando novas formas a cada passo dado. Desde a hipnose, passando pelo método catártico, até chegar à associação livre que caracteriza a psicanálise propriamente dita, sua posição era sempre a de um observador, pensador, desbravador, uma posição própria a um explorador, arqueólogo ou cientista.

Na Conferência *Acerca de uma Visão de Mundo*, Freud (1933/2010) descreve a *Weltanschauung* como “uma construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas de nossa existência, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta” (p. 322). Ele entende que uma visão assim atende aos ideais de todo ser humano e dá-lhe segurança; ela, porém, está longe dos ideais da psicanálise e – acrescentamos agora – da escrita psicanalítica. É neste sentido que ele compara a realização de um trabalho escrito com o processo de análise:

Levamos expectativas para o trabalho, mas temos que refreá-las. Através da observação, aprendemos algo novo – ora aqui, ora ali –, e, inicialmente, as peças não encaixam. Estabelecemos hipóteses, fazemos construções auxiliares, que retiramos quando não se confirmam; necessitamos de muita paciência, de prontidão para toda possibilidade;

renunciamos a convicções prematuras, que nos obrigariam a não enxergar fatores novos e inesperados, e, por fim, todo o esforço é recompensado, os achados dispersos se combinam, obtemos uma visão de toda uma parcela do funcionamento mental, completamos nossa tarefa e estamos livres para a próxima (p. 343).

Na clínica, estamos neste lugar de *estarmos livres*, prontos para a próxima pergunta a respeito de um enigma que nos lança na renovada atividade de investigação. Na elaboração de um trabalho, o tema nos faz ir à busca de uma resposta, ainda que, na verdade, não precisemos encontrar uma resposta que nos satisfaça de todo, pois uma definição final nos faria parar. Por isso, vamos o tempo todo lançar o olhar mais uma vez, e outra e outra, para algo que não foi apreendido suficientemente, não para obturar com uma resposta única. Ao contrário disso, vamos mexer, examinar, explorar, abrir e deixar o vazio ali.

Ao tolerar o desconhecido, o vazio e este nada que se impõem, desenvolvemos a capacidade para enfrentar o novo e conter pacientemente aquilo que do outro ainda não tomou forma, e aquilo que do texto ainda não foi definido. É assim que a escrita promoverá descobertas e nos reservará surpresas. Isso acontecerá apenas quando nos sentirmos desobrigados da posse do saber e abandonarmos a proteção que as certezas nos dão.

O processo de uma escrita com mais qualidade e com mais propriedade inicia-se aí, quando adentramos no movimento de procura e descoberta, rastreando lugares vazios, por onde nos aventuramos a questionar postulados já firmados, em um lugar de dúvida, desde onde podemos refletir. Se pudermos atravessar com mais tranquilidade esse estado inicial de investigação, no qual nada está estruturado, nos deixando penetrar pelo que não sabemos, pelo que nos desafia e nos confronta, ocuparemos a folha com uma produção criativa. Mas como fazer isso?

A investigação precede a criação do novo

Pela escrita, buscamos outros arranjos e diferentes soluções, concedendo um novo formato dantes desconhecido ao material com o qual trabalhamos. Damos representação ao que existia somente no campo das ideias e das emoções; damos imagem ao que nos habita. Transformamos o que nos serviu de estímulo, conferindo a este conteúdo já outra forma. Ao escrever, uma nova construção se efetua.

O escrever é um ato original, como a inauguração do próprio pensar. Através dele, transitamos com liberdade por entre os escritos, as vozes, as falas, as cenas, que surgem dos livros, das atividades e aulas, das conversas e trocas, dos grupos, dos colegas e de nossos analisandos. Neste trânsito, estabelecemos novas vias de compreensão sobre o objeto de nossa reflexão. Como *construção*, a escrita deixa de ser uma mera *repetição*; ela é *criação* de novos elementos mentais, de algo que ganha sentido exato e somente na escritura.

Em um artigo publicado após sua morte, Freud (1940/2018) expõe dois métodos que podem ser escolhidos pelo autor que se dispõe a introduzir algum ramo do conhecimento ou da investigação: o método genético e o método dogmático. O que ele define como *método genético* requer que partamos daquilo que todo leitor sabe sem contradizê-lo, à espera da oportunidade de chamar sua atenção para fatos do mesmo campo que, embora lhe sejam conhecidos, até então negligenciara. Partindo desses, apresentamos-lhe novos fatos dos quais *não* tem conhecimento. Tomada tal precaução, preparamos o caminho para uma melhor aceitação de novos pontos de vista, diferentes de seus juízos anteriores. Assim, conseguimos que ele tome parte na construção de uma nova teoria sobre o assunto, em um trabalho conjunto, no qual o leitor percorre o mesmo caminho pelo qual viajamos anteriormente. A desvantagem desse método é que o leitor não ficará tão impressionado por algo a que assistiu ser criado lentamente, como ficará por algo que lhe é apresentado já pronto e acabado.

Exatamente esse último efeito é produzido pelo método alternativo de apresentação de uma nova teorização, o *dogmático*. Esse outro método começa expondo diretamente o enunciado de nossas conclusões, exigindo a atenção do leitor e rogando que ele acredite no que está posto, mesmo ignorando a forma como chegamos a tais conclusões. Freud (1940/2018) imaginava um ouvinte crítico meneando a cabeça e se perguntando: “Isso tudo parece esquisito! Como ele sabe disso?” (p. 352). Sua preocupação naturalmente girava em torno do risco que a psicanálise não se tornasse apreciada ou popular, na época de sua solidificação. Não é difícil identificar o método mais utilizado por Freud e sua escrita, e que mais caberia a nós: a escrita psicanalítica – tal como o método genético – refaz um conhecimento fixo, introduzindo elementos novos; ela despertará para criações e provocará diferentes associações. Freud assim o fez há mais de cem anos, e seus textos seguem com essa função junto ao leitor até hoje. Abertas, as brechas do texto funcionam como um espaço a partir de onde podemos pensar. E muito se pensou.

A escrita psicanalítica é produto refinado de um desenvolvimento mental; é ligação, já que dá unidade, sentido, lógica e ordenamento; ao mesmo tempo, é desligamento, já que produz novas aberturas. Assim, nesse interjogo entre a pulsão sexual (que liga) e a pulsão de morte (que desliga), esta produção será tanto o resultado do que se mexeu, como acomodará as questões que internamente se abriram ao escrever.

Quando Freud (1930/2011) declara, em *O Mal-estar na Civilização*, que “a escrita é, na sua origem, a linguagem do ausente” (p. 51), podemos pensar também na brecha, na lacuna, na fenda, que só se fazem se Narciso desvia o olhar do lago e, ao invés de olhar para si mesmo, olha para o mundo. Enquanto ocupados com as questões narcísicas, ou não escrevemos, ou escrevemos um texto defendido, uma cópia, para não arriscarmos sermos vistos pelo outro. Narciso mostra só o que ele mesmo enxerga em seu reflexo; nada além disto.

O igual, a imagem e semelhança dos grandes autores, o *sim*, o conhecido, o sabido, isso tudo fecha. Não somos pegos de surpresa, Laio não atravessa nosso caminho, e não há embate com ninguém. A escrita nos moldes de Édipo suporta a pergunta, vai em busca de descobrir, entra em confronto e é capaz de um parricídio simbólico necessário. Édipo supõe-se incompleto e sabe-se insuficiente. Por isso, precisa falar. Como a perfeição nunca é alcançada na escrita, somos levados a levantar a cabeça e, com um olhar não tão apaixonado, enxergar aquilo que a realidade nos apresenta. Como Édipo, temos coisas pendentes a resolver. O próprio Freud nos deixou várias indicações de que ainda havia muito a explorar, e diversos pontos ainda obscuros, prontos para serem por nós examinados. Dessa busca e desse encontro, pode nascer o novo, a criação, a produção psicanalítica com nossa marca pessoal.

Para seguir, sem concluir

Nosso pequeno investigador pode descobrir bastante cedo que todo saber é fragmentário, e que em cada estágio permanece um resíduo não solucionado.

(Freud, 1909/2015, p. 233).

“De onde vêm os bebês? ”, é pergunta que dá início e não visa a um fim. No psiquismo, sabemos que a representação-coisa é aberta e representação-palavra é fechada; na análise, que as perguntas abrem e que as respostas fecham; na escrita psicanalítica, que as introduções dão pontos de partida e que as conclusões dão pontos de chegada. Tais pontos de chegada, contudo, não podem ser um encerramento de questões que, idealmente – tal como a pergunta mítica e inicial da criança pequena –, só começaram!

Dito de outra forma, quando começamos a escrever um texto psicanalítico, partiremos em busca de algo que, por certo, desejamos e vamos encontrar; este encontro, contudo, pode ser somente lugar de um pouso que, em seguida, nos faz buscar pelo próximo ponto e assim sucessivamente.

Encerro esta reflexão com o modesto – mas realista – reconhecimento de Freud (1925/2011) sobre a psicanálise:

O próprio termo “psicanálise” adquiriu mais de um significado. Originalmente a designação de um método terapêutico, agora tornou-se também o nome de uma ciência, a do psíquico-inconsciente. Raramente esta ciência é capaz de resolver um problema inteiramente por si só; mas parece destinada a contribuir de modo relevante a diversos campos do saber. A área de aplicação da psicanálise tem a mesma extensão que a da psicologia, à qual fornece um complemento de grande envergadura. Posso então dizer, voltando o olhar para o trabalho de minha vida até o momento, que iniciei muitas coisas e lancei muitas sugestões, de que algo deve resultar no futuro. Mas eu mesmo não saberia dizer se será muito ou pouco. Posso apenas manifestar a esperança de haver aberto o caminho para um importante progresso em nosso conhecimento (p. 162).

Referências bibliográficas

- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. En _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2015). O esclarecimento sexual das crianças (Carta Aberta ao Dr. M. Fürst). Em _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 8, pp. 314-324). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (2015). Sobre as teorias sexuais infantis. En _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 8, pp. 390-411). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos ("O Pequeno Hans"). Em _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 8, pp. 123-284). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2011). Autobiografia. Em _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 16, pp. 75-167). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. En _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Conferência 35: Acerca de uma visão de mundo. Em _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 18, pp. 321-354). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2018). Algumas lições elementares de psicanálise. En _____. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 19, pp. 351-360). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940).